

Miséria na rua expõe a outra face de Brasília

RAIMUNDO PACCO

As irmãs Patrícia, de nove anos, e Daniela, de três, não podem dizer que têm uma infância feliz. Todos os dias elas acordam cedo e, acompanhadas da mãe, com um bebê de colo, pegam um ônibus do Cruzeiro para o Plano Piloto. Da rodoviária, a família segue a pé até o semáforo que dá acesso aos eixinhos L e W (Norte), onde pedem esmola há quase um ano. Sujas, com roupas rasgadas, as duas contam as misérias que conseguem. A mãe, Maria Aparecida Santos, 27 anos, garante que diariamente obtém de NCz\$ 5,00 a NCz\$ 6,00. "Pelo menos não passamos fome", conta.

Antes de chegar a Brasília, a vida dessa família era muito pior, assegura Maria Aparecida. Com os filhos e o marido resolveu tentar viver sem deixar de comer. "Passávamos muita fome no Ceará", diz. "E também não tínhamos nada que nos prendesse lá", acrescenta. Patrícia e Daniela têm outra irmã, a Aline, que acompanha o pai em busca de algum dinheiro. Ela tem quatro anos.

"Já não temos esperança de mais nada", comenta a mãe, enquanto as meninas esboçam um sorriso e limpam o nariz no braço. Maria Aparecida espera ganhar um lote para ter onde morar e colocar as crianças na escola. "Quem sabe elas poderão ter uma vida melhor", espera.

Sob a ponte do Bragueto, de maneira bastante improvisada, três famílias dividem a mesma área. Construíram um barraco de papelão, espalharam pelo chão alguns panos e se ajeitaram. Três crianças dividem o mesmo espaço com adultos. A comida que preparam veio do resto de uma fruaria. As três crianças ainda têm outro companheiro: um cachorro que passeia pela casa arranjada.

"Não roubo não dona, só peço", defende-se José Carlos da



Em quase todo semáforo, uma criança estende a mão

Silva, 19 anos, que mora com a irmã e o sobrinho. Eles vieram de Salvador e agora não têm como voltar. José Carlos repete incansavelmente que deseja uma passagem para retornar. Zilmar José Barbosa, 37 anos, que veio de Pernambuco sempre visita seu amigo. A noite, ele toma conta de carros e ganha uns trocados. Perto deles um adulto e uma criança dormem, quase à beira do asfalto e em meio a sujeira.

Na entrada da quadra 702, na W/3 Sul, os menores Rosa, José Carlos e Nonato, passam o dia pedindo ajuda aos que passam. Estrategicamente localizados, eles esperam o sinal fechar para exercer essa atividade. A orientadora é a mãe, que não deixa os filhos sozinhos. "Eles poderiam pegar alguma coisa que não deve", comenta Nalva Maria de Silva. "Assim só pegam o que ganham", explica.

A esmola ajuda a mãe a comprar remédio para o filho mais novo, o Raimundo, que periodicamente tem ataques epiléticos e toma "Gardenal". Raimundo tem ainda outro problema: nasceu com apenas um pulmão e vive doente. As crianças que pedem esmola o

dia inteiro na verdade dão duro para salvar o irmão. "Sinto vergonha por estarmos aqui, mas o que posso fazer?", pergunta. Seu marido trabalha como caseiro em Valparaíso e recebe NCz\$ 15,00 por mês.

Almoaldo Silva Santos, oito anos, também tem um dia pésado. Acorda cedo e segue para o estacionamento do Setor Médico Hospitalar para ganhar algum dinheiro. Como os outros, Almoaldo não estuda. Quando indagado sobre o local onde mora, ele diz não se lembrar. E sai correndo gritando: "Posso vigiar moça"?

Assim é a vida da maioria das pessoas que migrou para Brasília. Ao longo dos eixinhos na Asa Norte, as passagens para pedestres obstruídas abrigam inúmeros barracos que mais parecem esconderijos. Quase todas as famílias vieram do Nordeste. E são muito semelhantes aos "vagabundos" que o cineasta Hector Babenco retratou em seu filme *Ironweed*: a cada dia saem à rua para esmolar a comida. Nunca sabem se poderão comer ou terão onde dormir na dia seguinte. "E moça, a gente nunca sabe como vai viver", lamenta a menor Patrícia.